

O PAPEL DO MEDIADOR NA FORMAÇÃO LITERÁRIA DOS PARTICIPANTES DE CLUBES DE LEITURA

THE ROLE OF THE MEDIATOR SHAPING THE LITERARY FORMATION OF READING CLUBS ATTENDEES

Júnia Cristina Vaz Vieiraⁱ

Ana Maria Bueno Accorsiⁱⁱ

RESUMO: Neste artigo serão abordados aspectos relacionados aos clubes de leitura, tais como a figura do mediador, seu papel e suas competências; a importância do acolhimento, do ouvir e da troca de impressões de leitura nos encontros e se esses elementos influenciam a formação literária dos participantes. No que se refere a metodologia, foi aplicado um questionário junto aos frequentadores de dois clubes de leitura realizados na Zona Sul de Porto Alegre. A pesquisa foi de caráter qualitativo, amparada nos depoimentos dos entrevistados e numa ampla revisão bibliográfica de livros sobre os temas tratados. O resultado final da pesquisa realizada comprova a importância da figura do mediador de leitura na formação literária dos participantes destas reuniões literárias.

Palavras-chave: Clube de leitura. Formação do leitor. Mediação de leitura.

ABSTRACT: In this paper, we will approach the issues related to reading clubs, such as the place of the mediator, their role and their competences; the importance of reception, of listening and of the exchange of imprints on reading in the meetings and whether these elements influence the literary formation of the attendees. Regarding the methodology, a questionnaire was applied to the attendees of two reading club held in South Porto Alegre, Brazil. The research was of a qualitative nature, supported by the interviewee's testimonies and a large bibliographical review of books on the subjects discussed. The result of the research confirms the importance of the reading mediator in the literary formation of the attendees of theses literary gatherings.

Keywords: Reading club. Reader's formation. Reading mediation.

Submetido em: 24 mar. 2016

Aprovado em: 12 abr. 2018

ⁱ Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: juniavieira@yahoo.com.br.

ⁱⁱ Docente da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: ana-accorsi@uergs.edu.br.

INTRODUÇÃO

Há tempos acompanha-se a preocupação de professores e pesquisadores com o que habituou-se chamar de “crise da leitura”; periodicamente pesquisas como a *Retratos da Leitura no Brasil* sinalizam que o brasileiro tem lido cada vez menos. Apesar do reconhecimento da importância da leitura dado pela maioria dos pesquisados, as causas apontadas para não se ler mais são diversas: falta de tempo, de interesse e de motivação para a leitura, para citar algumas delas. Por outro lado, grande parte dos entrevistados reconhece a leitura como meio para a aquisição de conhecimento e a elencam como importante para o desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

É notório que diversos elementos podem interferir no desenvolvimento satisfatório da competência leitora: letramento deficitário e inadequado, distúrbios cognitivos e emocionais, limitações físicas, entre outros, comprometem a decodificação da linguagem e o acesso ao mundo da cultura escrita. O fator socioeconômico também influi no hábito da leitura: o baixo poder aquisitivo de grande parte da população brasileira coloca o livro na categoria de objeto de consumo proibitivo. E no que se refere às políticas públicas a escassez e/ou ausência de bibliotecas públicas e escolares, por vezes, inviabilizam o acesso ao livro e à leitura.

No Brasil, o caminho a ser trilhado rumo a uma nação de leitores ainda é longo e as carências, de uma forma geral, antigas. A escola, para muitos, ainda continua sendo o principal canal de acesso ao livro e à leitura. E o processo da formação de leitores no ambiente escolar, na maior parte dos casos, é fragmentado e o pouco espaço oferecido ao texto literário na grade de disciplinas compromete a consolidação do hábito da leitura. E em meio a esse cenário tão multifacetado as práticas de leitura ganham ares de urgência.

O objetivo deste artigo é investigar o papel do mediador na formação literária dos participantes de clubes de leitura. Ao longo do trabalho também será avaliada a importância desses encontros que têm, como eixo principal, a intenção de promover a troca de impressões por meio de leituras compartilhadas entre os participantes. Serão analisadas obras como *Ouvir nas entrelinhas*, de Cecília Bajour, *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*, de Daniel Goldin, *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*, de Michèle Petit, *O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?*, de Luzia de Maria e *Círculos de leitura e letramento literário*, de Rildo Cosson e que tratam sobre os temas que serão abordados nesse artigo. A metodologia utilizada para a coleta de dados sobre a mediação foi a aplicação de um questionário junto aos participantes dos dois clubes de leitura. Ao todo, foram oito perguntas:

seis objetivas – e de múltipla escolha – e duas dissertativas, respondidas por oito participantes, sendo quatro de cada clube de leitura.

O presente trabalho está dividido em quatro partes principais. Na primeira, apresenta-se uma análise e comentários a respeito dos apresentados pela terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, com especial enfoque aos hábitos de leitura dos entrevistados pelo estudo. Na segunda parte apresenta-se as conceituações apontadas tanto por teóricos quanto pelos entrevistados para essa pesquisa sobre o que é um mediador de leitura, além do seu papel como formador. A terceira trata sobre a questão dos clubes de leitura, os comentários dos participantes e respostas dadas ao questionário aplicado. Nele serão debatidos a regularidade dos encontros, a importância do mediador de leitura, a valorização e o estímulo da expressão oral acerca do que é lido e compartilhado. Por fim, na quarta e última parte são feitas as considerações finais sobre a motivação para a pesquisa e o trabalho desenvolvidos, assim como os resultados averiguados.

1 RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL: TERCEIRA EDIÇÃO¹

O século XXI trouxe novos desafios para nossa sociedade cada vez mais imersa em tecnologia. O uso acentuado da palavra escrita, por exemplo, é pré-requisito para boa parte das atividades, desde a mais trivial até a mais complexa: não ler em nossos dias limita, e muito, as possibilidades de comunicação e de ascensão profissional de um indivíduo, entre outras áreas.

No Brasil, tornou-se imperioso elaborar pesquisas que delineassem o comportamento leitor do brasileiro. Em 2001, o Instituto Pró-Livro apresentou o que seria a primeira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. Na terceira edição², de 2011, o objetivo geral era “medir intensidade, forma, motivação e condições de leitura da população brasileira”. Em outras palavras: quanto, de que forma, por que e como os entrevistados se relacionavam com a linguagem escrita. E os números divulgados pela pesquisa têm inspirado reflexões sobre os desafios a serem superados em relação ao livro e à leitura no país.

Em uma das análises apresentadas na seção *A leitura no imaginário dos brasileiros*, os entrevistados foram questionados sobre o que a leitura significava para eles. Ao todo, o

¹ Realizada no ano de 2011, mas divulgada e publicada em 2012.

² Na terceira edição, foi utilizada uma amostra de 5.012 entrevistas domiciliares em 315 municípios de todos os estados brasileiros.

gráfico apresenta dez opções de resposta. É interessante notar que cinco dos maiores percentuais apontam a leitura como algo importante no imaginário dos brasileiros: 64% dos entrevistados responderam que “a leitura era uma fonte de conhecimento para a vida”. A soma das respostas dadas na segunda e terceira posições (76%) destaca a leitura como “fonte de conhecimento e atualização profissional”, assim como para a vida acadêmica. Já a leitura como atividade interessante (21%) e prazerosa (18%) ocupam a quarta e a quinta posição do estudo.

A amostragem nos leva a concluir que o brasileiro atribui relevância à leitura, mas são poucos os que a reconhecem como uma atividade agradável. Parte dos entrevistados alegou que a leitura “ocupa muito tempo” (12%); ou que é uma “prática obrigatória” (8%) que “produz cansaço e exige muito esforço” (6%) e alguns a definem como uma “atividade entediante” (5%). É curioso notar que 55% disseram ler frequentemente.

A leitura também disputa a atenção e o tempo livre dos entrevistados com outros meios de entretenimento, principalmente os vinculados aos aparelhos eletroeletrônicos. Em seus momentos de lazer muitos gostam de assistir televisão (85%), escutar rádio (52%), ver vídeos ou filmes em *DVD* (38%) e navegar na *internet* (24%). Sair com amigos e se reunir com a família somam duas posições com consideráveis percentuais (78%). Alguns preferem descansar (51%) e uma pequena parcela respondeu que lê (28%): as leituras incluem jornais, revistas, livros e textos na *internet*.

Failla (2012, p. 50) cogita um possível constrangimento dos entrevistados frente a um pesquisador, provável leitor, caso declarassem não gostar de ler. Mas descarta em seguida tal pensamento quando constata que

[...] a grande maioria não demonstra nenhum constrangimento ao informar que usa seu tempo livre assistindo TV, futebol ou batendo papo ou tomando cerveja com os amigos. Isso é valorizado pela maioria dos brasileiros como atividade prazerosa e de entretenimento. É um retrato da nossa cultura fortemente valorizada pelas mídias. Os bens culturais, incluindo os livros, não despertam desejos ou status.

Os números apontam que as atividades recreativas valorizadas pelos brasileiros são aquelas de caráter coletivo. A leitura, normalmente uma prática que requer do leitor isolamento do grupo, ocupa um lugar de menos prestígio.

Na seção da pesquisa que trata sobre o quesito *Gêneros lidos*, em primeiro lugar está a Bíblia (42%), seguida pelos didáticos (32%) e os do gênero romance (31%). Ao todo, a soma dos gêneros literários listados no estudo destaca que o brasileiro lê pouco literatura ficcional.

Este dado ampara o senso comum de que a leitura está intimamente ligada ao estudo, seja lendo os textos sagrados da religião que professa ou os livros que contribuirão para o aprimoramento acadêmico e profissional: investir tempo na leitura parece ter vinculação a um propósito prático e objetivo.

As motivações para a leitura são diversas; nos informar e aprender são algumas delas. Mas os textos literários, como destaca Bajour (2012, p. 26) “nos tocam e nos questionam acerca de nossas visões sobre o mundo e nos convidam a perguntarmo-nos como viveríamos o que é representado nas ficções”. Por meio da leitura desses textos temos a possibilidade de vivenciar experiências, conhecer culturas, ideias e visões de mundo e, por meio delas, enriquecer nossa existência por meio da fruição literária.

Por fim, destacamos a seção da pesquisa que questiona os entrevistados sobre quem teria sido o responsável por ter feito a “ponte” entre eles e a leitura: em *Quem mais influenciou os leitores a ler* é confirmado o protagonismo dos professores pelo alto percentual das indicações (45%). E a mãe – ou responsável do sexo feminino – é a segunda colocada com 43% das respostas. Outros parentes, amigos, líderes religiosos, colegas de trabalho e cônjuges receberam percentuais tímidos como influenciadores. Mas o número que nos chama a atenção é o dos que responderam que ninguém os influenciou a ler: preocupantes 17% dos entrevistados.

Failla (2012, p. 52), ao comentar os resultados apresentados pela pesquisa acredita que “apesar de muitos brasileiros serem potenciais leitores, acabam não desenvolvendo essa habilidade e interesse em razão da ausência de práticas leitoras adequadas”. Portanto, há de se refletir sobre como a leitura e a literatura tem sido abordadas e trabalhadas em todos os âmbitos.

O desejo de se tornar leitor pode ser despertado por meio da influência de um mediador de leitura. Mas é importante ressaltar que ninguém é persuadido por outrem de que ler é uma atividade prazerosa, enriquecedora e útil antes do autoconvencimento. Mesmo aqueles que pouco ou nunca leem têm a vida repleta de narrativas: o desenrolar da novela televisiva que acompanham ou o ouvido atento que dedicam às histórias de amigos sobre os acontecimentos do dia, entre outros exemplos, confirmam que estamos imersos em histórias para contar, compartilhar, ler e ouvir. Reconhecer a relevância da literatura oral é um caminho que pode propiciar o encontro do leitor em potencial com o encanto das narrativas escritas.

Manguel (2008, p. 19) discorre sobre a importância das histórias quando escreve que elas

[...] podem vir em nosso socorro. Elas podem curar, iluminar, indicar o caminho. Sobretudo, podem nos recordar nossa condição, romper a aparência superficial das coisas, dar a ver as correntezas e abismos subjacentes. As histórias podem alimentar nossa mente, levando-nos talvez não ao conhecimento de quem somos, mas ao menos à consciência de que existimos – uma consciência essencial, que se desenvolve pelo confronto com a voz alheia.

Desse modo, as histórias necessitam seguir seu curso natural: serem ouvidas, lidas e compartilhadas. E cabe ao mediador de leitura favorecer o processo para esta experiência única e insubstituível que é a leitura.

2 MEDIADORES DE LEITURA

A mediação da leitura é um tema recorrente para os interessados na formação de leitores. Palestras, seminários e uma ampla bibliografia sobre o assunto refletem sobre o que é ser um mediador de leitura, seu papel, suas atribuições e as qualidades desejáveis para uma atuação exitosa.

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007) a definição para o adjetivo *mediador* é “o que serve de intermediário, de elo.” E, em se tratando de leitura – de estabelecer conexão entre pessoas e livros, os influenciadores – como apontou a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* – são diversos: parentes, professores, amigos, cônjuges e colegas de trabalho são apontados como pessoas que, em algum momento, foram os responsáveis pelo estímulo ao hábito da leitura.

Ler é permitir-se mergulhar no incessante fluxo da criação escrita produzida pela humanidade, tão diversificada quanto multifacetada. E o desejo em fazer parte desse fluxo pode ter sido, em algum momento, fomentado por quem nutrimos afeto, admiração ou empatia. E a leitura, essencialmente um ato solitário, está vinculada à intimidade. Petit (2014, p. 35) diz que “muitas vezes, nos tornamos um leitor porque vimos um parente, um adulto querido mergulhado nos livros, longe, inacessível, e a leitura aparece como um meio de se aproximar dele e de apropriar-se das qualidades que lhe atribuímos”. Um parente, amigo ou professor que nos leu, em tom apaixonado, a passagem de um livro ou que nos intrigou com seu recolhimento dedicado à leitura pode nos despertar para o mundo da palavra escrita.

Clara³, bibliotecária participante de um dos clubes de leitura pesquisados nesse trabalho acredita que “o mediador é uma ponte que liga o leitor à leitura. Ele pode ser a própria família, ou um professor, ou um bibliotecário. E é de fundamental importância que o mediador estimule e motive o leitor, através de indicações, conversas e trocas.”

É desejável, portanto, que o mediador seja um leitor atento e motivador, que apresente obras que estabeleçam relações entre si e com os interesses dos leitores. O momento mágico de transição entre o livro que deixa de ser um objeto para se tornar uma obra plena de significado e valor simbólico acontece pelas mãos dessa figura motivadora.

Pois, de acordo com Goldin (2012, p. 122):

A relação com os livros não começa com a leitura, e os livros não servem somente para ler. São objetos carregados de valores afetivos, são objetos que cheiram, pesam, têm texturas, que são associados a vozes e a pessoas, que geram situações e que as recordam. Mas também são lidos e adquirem valor por suscitarem as mais diversas apropriações.

Tal qual um *chef* de cozinha, o mediador de leitura deve ser curioso e receptivo aos novos aromas e sabores: o estímulo à experimentação literária deve ser uma de suas características marcantes. E também cultivar a tranquilidade de um jardineiro que sabe que a semente da leitura, em seu devido tempo, dará frutos. E que esta semente tem o hábito curioso de germinar nos mais improváveis e variados solos; e o imaginário do ser humano é um campo fértil para esse plantio.

Por isso, estimular e motivar o hábito da leitura deve ser o principal objetivo do mediador de leitura a partir do próprio exemplo: sendo um leitor e assumindo para si o papel de facilitador, buscando agregar pessoas em torno dos livros e da leitura. O interesse genuíno por histórias e pessoas deve ser os pilares de seu trabalho, porque é sobre isso que e a literatura trata: pessoas que escrevem sobre pessoas para outras pessoas lerem.

Amor aos livros, motivação e entusiasmo são combustíveis essenciais para a promoção e o incentivo ao livro e à leitura. Mas os que desejam atuar profissionalmente nesta área necessitam de uma formação bem estruturada e qualificada, como afirma Marques Neto (2009, p. 66) em seu artigo sobre a importância das políticas públicas na formação de mediadores:

Sem mediação segura, sem agentes bem formados e sem estruturas adequadas, entre as quais a da biblioteca, os livros se perdem e a leitura se pulveriza, a exemplo do que mostram nos indicadores sobre o desempenho em leitura e escrita dos estudantes brasileiros e da população em geral.

³ Todos os entrevistados tiveram seus nomes protegidos por pseudônimos.

Publicações, palestras e seminários sobre o tema podem fundamentar os trabalhos como auxílio técnico e metodológico. Estar atento aos lançamentos do mercado editorial, às premiações e aos eventos literários, por exemplo, devem ser atividades rotineiras para o mediador de leitura. Em primeiro lugar, por interesse próprio, pois como leitor deseja estar atualizado com os acontecimentos ligados ao mundo do livro e da leitura. E o compartilhar deste conhecimento adquirido deve ser a segunda maior motivação de um mediador de leitura.

Ana, senhora de terceira idade que participa ativamente de um dos clubes de leitura destaca que, em sua opinião, um “formador de leitores é alguém que está sempre disposto a falar de livros. É um multiplicador que prepara a leitura a ser feita, que tem conhecimento sobre livros e autores e está entre o texto, leitor e ouvinte.”

O desafio é encontrar a harmonia entre o saber teórico adquirido e a aplicação desse conhecimento nas práticas literárias. Cada indivíduo ou grupo demandará atenção e esforços diferenciados do mediador. Mas o que ele precisa ter em mente, acima de tudo, é a oportunidade de propiciar a cada encontro a fruição artística por meio do texto escrito. Bajour (2012, p. 26) nos relembra que

Muitas vezes a literatura é vista como o instrumento mais atrativo para falar sobre problemas sociais, questões relacionadas a valores, assuntos escolares ou situações pessoais. Quando essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas.

O texto literário de qualidade intriga e desperta o leitor para realidades conhecidas, ou não, por ele. Portanto, é natural que haja associações do leitor com passagens da própria vida, de acontecimentos atuais ou de outras épocas. A polissemia do texto literário permite e estimula essas apropriações feitas pelo leitor.

Falar sobre livros e as leituras feitas por nós não deve ser algo burocrático ou, como alguns podem vir a pensar, uma mostra pedante de conhecimento literário num desfile sem fim de obras lidas. Não se forma leitores com essa postura. A proposta deste trabalho é apontar caminhos sobre como reunir pessoas em prol de um interesse comum: a leitura de textos literários. E nosso enfoque maior será dado às pessoas e a sua contribuição – como leitoras e ouvintes – em encontros de clube de leitura.

3 A CRIAÇÃO DE UM CLUBE DE LEITURA: A ARTE DO ENCONTRO

Os clubes de leitura normalmente se originam de forma espontânea por meio da iniciativa de indivíduos que identificam entre si um interesse em comum: a leitura de textos literários. A finalidade dos encontros é propiciar trocas de impressões do que foi lido pelos participantes, e, por intermédio delas, consolidar o hábito da leitura. A periodicidade e a dinâmica das reuniões são, ao longo do tempo, definidas pelo grupo.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram estudados dois clubes de leitura com características bem distintas: um deles tem como local de encontros uma biblioteca comunitária. O outro está localizado em uma associação esportiva e recreativa privada que possui em suas instalações uma biblioteca.

Os públicos de ambos os locais têm perfis heterogêneos. As classes socioeconômicas e ocupações são bem diversificadas: desde donas de casa até profissionais liberais aposentados comparecem aos encontros. As mulheres predominam em ambos os grupos, mas os homens, aos poucos, têm começado a frequentar as reuniões. Mesmo em meio à diversidade dos participantes e as peculiaridades de cada espaço, bastam minutos de conversa com qualquer um deles para identificar o que têm em comum: o amor pela leitura e pela troca de impressões literárias. As leituras compartilhadas nos encontros são as de livros que foram emprestados na biblioteca local de cada instituição. Nada impede que os participantes compartilhem leituras de obras provenientes de outros acervos, próprio ou de outros espaços. Mas como o objetivo principal é o acesso ao livro, o foco está concentrado em um acervo que possa estar imediatamente disponível para todos.

Os dois clubes de leitura nasceram a partir da observação dos mediadores responsáveis pelos espaços de leitura que identificaram a necessidade de proporcionar encontros nos quais os leitores pudessem compartilhar leituras. Conhecer outros leitores com gostos similares, além da oportunidade de serem apresentados a autores e gêneros diversos, eram algumas das principais motivações. A proposta da prática foi então apresentada aos frequentadores dos espaços que, de imediato, confirmaram suas participações.

4 O PAPEL DO MEDIADOR DURANTE OS ENCONTROS

Nos dois clubes de leitura estudados há mediadores de leitura responsáveis pela condução dos encontros. Garantir a dinâmica das reuniões e incentivar às contribuições dos

participantes são uma das suas atribuições. Cosson (2014, p. 153) diz que o mediador em um clube de leitura é

[...] uma pessoa que deve moderar as reuniões, estimulando a participação, e organizar as atividades do grupo. Deve ser uma pessoa que tenha muitas leituras e capacidade de liderança e comunicação. Também deve dispor de tempo para a organização das atividades e capacidade de dinamizar as reuniões, entre outras características. Pode haver grupos que façam rodízio entre seus membros no papel do coordenador.

Os mediadores de leitura nos dois grupos se enquadram nas características listadas pelo teórico citado: são leitores, têm liderança e empatia com o grupo. E a dinâmica desenvolvida nos encontros, as leituras a serem compartilhadas, os comentários e a escolha do tema das leituras para a próxima reunião, entre outras atividades, são discutidos pelo grupo. Mas o ponto de maior importância é a garantia da participação de todos durante os encontros.

O mediador, além de estar atento ao andamento das atividades, deve também saber “ler” o comportamento dos presentes. A timidez ao falar em público por parte de alguns participantes também deve ser considerada. O essencial é que as pessoas se sintam à vontade por estarem juntas, pois a dinâmica do grupo e a empatia se desenvolverão ao longo do tempo.

Viviane, frequentadora assídua dos encontros de um dos clubes de leitura comenta que para ela

O mediador, num clube de leitura, é intermediário e facilitador nas apresentações dos livros lidos. Cultiva o clima de intimidade e respeito, garantindo no grupo uma escuta atenta e assegurando liberdade à fala de cada um. Estimula o diálogo, a pesquisa biográfica e destaca informações relevantes na contextualização da obra lida. Dirige o grupo, sendo ele próprio um ativo leitor.

5 A IMPORTÂNCIA DA ESCUTA E DO ACOLHIMENTO

Na sociedade pós-moderna na qual vivemos, 24 horas parecem não bastar para concluirmos nossas atividades. O que é um paradoxo, pois nunca tivemos nossas vidas tão facilitadas pela tecnologia. E o que fazemos com as horas livres que nos restam? Direcionamos para televisores, computadores, *smartphones* e *tablets*, entre outros artefatos

tecnológicos, que parecem ter a função de nos distrair e preencher nosso tempo. Vivemos na era da comunicação. Mas estamos realmente nos comunicando?

Manguel (2008, p.183) faz uma reflexão interessante sobre essa questão:

No entanto, dois fatores têm dificultado o diálogo, em especial, nas metrópoles: o ruído excessivo que tem levado o cidadão a ouvir muito barulho e pouca voz humana e, o acúmulo de fazeres cotidianos, a pressa e a luta pela sobrevivência que impedem as pessoas de pararem para ouvir umas às outras.

Criar espaços nos quais o diálogo e a troca sejam estimulados, a princípio, pode causar estranhamento. Em uma época em que se valoriza a ultraprodutividade e a impessoalidade, para alguns pode soar “perda de tempo” a ideia de uma reunião para se falar sobre livros. Felizmente, a experiência com os dois grupos estudados tem demonstrado o contrário: os participantes, mesmo em meio a suas próprias rotinas atribuladas, reservam tempo em suas agendas para os encontros pelos quais aguardam ansiosamente.

Barthes (2002, p. 195) escreveu que a narrativa começa com a própria história da humanidade e que está presente “em todos os tempos, em todos os lugares”. As narrativas – orais e escritas – e a escuta estão intimamente ligadas e se nutrem por meio de uma audiência e de leitores atentos que as estimulam.

E há quem compareça às reuniões somente para ouvir. Como é o caso de Maria Ana, uma senhora curiosa de 87 anos que, pelas vicissitudes da vida, não pode se dedicar à leitura na juventude. Mas ao ouvir os comentários tão empolgados sobre as reuniões literárias, resolveu participar como ouvinte. Logo em seguida já estava lendo seu primeiro livro. E não parou mais: após dois anos de participação, está finalizando a leitura de seu sexto romance.

Maria Ana diz que “é muito prazeroso ouvir as pessoas falando sobre as leituras, os livros, todas aquelas histórias... Acho tão bonito. Chego a ver os personagens na minha cabeça, as paisagens. Me sinto muito enriquecida por dentro”.

O clube de leitura une a oralidade à narrativa escrita. É uma forma de reviver as conversas ancestrais em volta da fogueira quando valentes caçadores retornavam para contar suas aventuras para uma audiência cativa e enfeitiçada.

É essencial que o mediador de leitura tenha em mente, de forma muito clara, a importância de seu papel durante esses encontros. Ele deve estimular o diálogo, a troca e o compartilhar entre os participantes, pois são elementos vitais para o sucesso das reuniões.

Bajour (2012, p. 39) reforça a importância da escuta quando diz que

Além de aprender a escutar os silêncios dos textos e colocá-los em jogo nas experiências de leitura, os mediadores podem aguçar o ouvido aos modos particulares que os leitores têm de se expressar e de fazer hipóteses sobre seus achados artísticos.

Uma passagem de um romance, a estrofe inspirada de um poema, a escolha de uma palavra em detrimento de outra para expressar um sentimento ou descrever uma paisagem em uma narrativa; as nuances em um texto literário são tão diversificadas quanto os seres humanos. E está sob a responsabilidade do mediador de leitura criar a ambiência adequada para que os participantes se sintam estimulados a compartilhar suas impressões.

A literatura tem o poder de acessar o que há de mais profundo em cada um de nós. E é de uma generosidade corajosa compartilhar o que tocou no mais íntimo de nós. Petit (2014, p. 137) nos aconselha a “dedicarmos um tempo a escutar os leitores”, pois “muitas vezes nos sentiremos surpresos e encantados pelo insólito desses encontros e pelas relações audaciosas que eles estabelecem”. Encontros literários possuem facetas diversas: apaixonadas, reticentes e, algumas vezes, silenciosas. E cabe ao mediador de leitura despertar esta sensibilidade a cada leitura e a cada encontro.

6 LEITURAS COMPARTILHADAS

Estabelecida a frequência dos encontros do clube de leitura, logo verificou-se o aumento dos empréstimos em ambas as bibliotecas pesquisadas neste artigo: os livros indicados pelo grupo, assim como gêneros e escritores, refletiam na movimentação das estantes. E não era leitura obrigatória, mas motivada pelo prazer. O objetivo primordial dos encontros sempre foi o de congregar pessoas em torno dos livros. De acordo com Goldin (2014, p. 96 e 97) “se a ideia é impulsionar formas de convivência por meio da literatura, parece-me que não é congruente centrar a atenção nos livros, mas sim no que acontece aos leitores”. Criar oportunidades para que leitores de todos os níveis e gostos possam se reunir para falar sobre suas leituras pareceu ser, desde sempre, uma prática de leitura estimuladora.

Sobre a dinâmica dos clubes de leitura Maria (2009, p. 65-66) destaca que

A leitura aproxima as pessoas, conclama-as ao diálogo, oferece provisões, palavras e mais palavras, instigações, sentidos novos e cambiantes, promovendo interação. Quanto nos agrada, como leitores, falar do livro que acabamos de ler!

Os encontros promovidos pelos dois clubes de leitura analisados nesse artigo comprovam que dedicar espaço e tempo para que leitores compartilhem sentimentos e impressões sobre as leituras que fizeram, valoriza ainda mais a experiência literária vivenciada por eles. O interesse despertado por determinada obra após a explanação de um dos participantes pode estimular debates ricos sobre o que outros leitores, que também a leram, perceberam sobre ela.

É pertinente lembrar que, diante da leitura de qualquer texto, o leitor traz consigo sua própria bagagem de conhecimento do mundo, dos livros que leu e do fabular que é inerente ao ser humano. Estes elementos influenciam o enfoque e a importância dados durante a leitura: o que foi relevante e significativo para um leitor pode ter passado despercebido ou ser dispensável para outro.

Goldin (2014, p. 130) exemplifica bem esta situação quando diz que

Ninguém lê duas vezes o mesmo texto, em parte também porque ninguém é o mesmo após ler um texto. Do mesmo modo, pelo fato de que o sentido é construído pelas perguntas, vivências e informações trazidas pelo leitor, nunca dois leitores leem um texto da mesma forma.

É evidente que as elipses e os significados implícitos no texto se exaurem em algumas análises. Mas não devemos delimitar a imaginação e a interpretação humanas no que se refere à leitura literária. Tais discussões – o que determinada passagem significa ou não dentro do contexto da narrativa e da interpretação dos leitores, por exemplo – podem e devem gerar debates instigantes. Cosson (2014, p.135) ratifica a importância do debate durante os encontros, pois:

[...] toda contribuição é bem-vinda e não há interesse em formar especialistas, antes reunir em um debate as diversas maneiras como aquele texto pode ser lido, sem que uma interpretação seja considerada melhor do que outra ou se deva chegar a algum consenso, o que não impede que sejam examinadas, revistas e ampliadas à luz da contribuição de todos.

A pesquisa aplicada aos participantes os questionou a respeito do contato que eventualmente tiveram com gêneros e autores que desconheciam e que foram a eles apresentados e notamos que a leitura de ambos foi estimulada a partir desses encontros. Ou seja, a oportunidade de se reunir com outros leitores possibilitou a ampliação de seus horizontes literários, fato que consideramos enriquecedor.

Viviane comenta sobre sua participação nos encontros:

Penso que, ao noticiar algo do livro lido, selecionamos o que mais nos impressionou. Este recorte exige um processo de escolha que, ao ser apresentado em voz alta, pode revelar muito de nós mesmos. Nas minhas apresentações, procuro ler algum trecho significativo, trazendo a escrita do autor à roda. Comecei a usar cadernetas para anotar não só o trecho escolhido como também um pequeno esquema da apresentação em si. No grupo, sinto a necessidade de me comunicar com clareza e lógica, o que tem melhorado não só minha leitura em voz alta como também meu modo de falar em público. (informação verbal).

O exemplo de Viviane não é único: a dinâmica desenvolvida nos encontros tem incentivado o esmero na participação dos membros do clube. Muitos relatam que as leituras que fazem não são mais “descuidadas”: sublinhar passagens e fazer anotações para compartilhar com os demais tornaram-se hábitos. Muitos consideram que se tornaram leitores mais críticos a partir de sua participação nos encontros e que o olhar que dedicam aos textos lidos é mais criterioso.

E o que consideramos mais importante: o prazer da leitura foi acentuado. Também relatam que se sentem cada vez mais motivados a compartilhar suas impressões literárias devido à atenção, à escuta e o acolhimento que identificam a cada encontro.

Finalizamos com um comentário de Bajour (2012, p. 23) sobre o papel dos mediadores nesses encontros:

Para aqueles que são mediadores entre os leitores e os textos, é enriquecedor pensar como leitura esse momento de bate-papo sobre o lido, o intercâmbio acerca dos sentidos que um texto desencadeia em nós. Não se trata então de uma agregação aleatória, que pode ocorrer ou não, e que costuma ser interpretada como a “verdadeira” leitura, aquela que se dá quando os olhos percorrem as linhas e as imagens ou quando os ouvidos estão atentos para a oralização de um texto por meio de uma leitura em voz alta. Falar dos textos é voltar a lê-los.

É importante que haja um espaço de escuta e diálogo durante esses encontros: que os participantes possam ler passagens que tenham considerado tocantes e que possam compartilhá-las com os demais. Mais enriquecedor ainda é contar com as impressões de uma ou mais pessoas sobre a mesma obra: o texto literário de qualidade, como obra de arte que é, proporciona esta amplitude de sentidos e interpretações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Máximo Gorki, romancista russo, escreveu que “a tarefa da literatura é ajudar o homem a compreender-se a ele mesmo”. E o homem, único ser que produz arte, o faz porque a sua necessidade de expressar-se, de identificar-se, de mirar-se no olhar do outro, é maior do que a sua solidão.

Ao longo da escrita desse trabalho ouvimos as vozes daqueles leitores, tão envolvidos, tão emocionados. Ao mesmo tempo, pudemos refletir a respeito das leituras que fizeram e sobre a gratidão por poder compartilhá-las com outras pessoas.

Sabemos que reunir pessoas para a leitura de textos não resolverá os graves problemas que a educação no Brasil enfrenta há décadas: não somos ingênuos ou inconsequentes ao ponto de apresentar uma fórmula que, em um passe de mágica, resolveria a questão do livro e da leitura em nosso país. A proposta é retomar a perspectiva da literatura como arte e repensar a abordagem – decididamente instrumentalizada – que é dada à leitura no Brasil. Nossa espécie palavrosa necessita desses momentos de palavras lidas, ditas e ouvidas.

O universo dos livros e das pessoas é repleto de nuances: dar um passo em direção à complexidade e à diversidade dos sentimentos humanos – com suas coerências e incoerências – é um exercício de autodescoberta. A leitura nos proporciona a experiência de vivermos vidas que não imaginávamos e de visitar lugares em que nunca estivemos antes. Não morreríamos se deixássemos de ler; mas nossa existência se tornaria muito vazia. E, tristemente, viveríamos em um mundo sem memórias.

E pensar que muitos sequer têm esta consciência deve ser motivo para que saiamos de nossas zonas de conforto e façamos algo – não importa em que escala – para que outros sintam o mesmo prazer que nós, leitores, temos ao abrir um livro e ler a primeira página. Compartilhar é preciso.

REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

FAILLA, Zoara. (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

GOLDIN, Daniel. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. Versão 2.0a [CD-ROM]. 2007.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>. Acesso em: 01 fev. 2015.

MANGUEL, Alberto. *A cidade das palavras: as histórias que contamos para saber quem somos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MARIA, Luiza de. *O clube do livro – ser leitor – que diferença faz?* São Paulo: Globo, 2009.

O CITADOR. *Máximo Gorki*. Disponível em: <http://www.citador.pt/frases/a-tarefa-da-literatura-e-ajudar-o-homem-a-compree-aleksei-maksimovitch-pechkov-6938>. Acesso em: 17 fev. 2015.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2014.

SANTOS, Fabiano dos. et al. (org.). *Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores*. São Paulo: Global, 2009.